

# A SUBJETIVIDADE NA TEORIA BAKHTINIANA DOS GÊNEROS DO DISCURSO

Maria Isabel BORGES  
(Universidade Federal de Santa Catarina)

*ABSTRACT: In this article, it intends to revisit the theory of Bakhtin about the genres of the discourse in order to discuss about the subjectivity. So, it wonders: how is the subjectivity configured when the theory of Bakhtin of the genres of discourse is discussed? From behind this, it is the following hypothesis: in the theory of the genres of the discourse, his constitution is explicit and the notion of subjectivity is implicit. The configuration of the subjectivity became a problem of this paper, because there is a diversity of studies about the subjectivity in the humanities and social. Times the subjectivity is seen as an identity subject (HALL, 2003; MORIN, 1996; RAJAGOPALAN, 2002, 2003; SIGNORINI, 1998). Other times she is observed as a perceptible regularity by the subject.*

*KEYWORDS: Bakhtin; genres of the discourse; subjectivity.*

## 1. Introdução

Até os dias atuais, os estudos bakhtinianos são tomados como referência em diversas áreas do conhecimento, como: na literatura, na lingüística e na lingüística aplicada. Na lingüística aplicada, por exemplo, a noção de gênero do discurso constitui uma das questões teórico-metodológicas de Bakhtin mais salientes e discutidas. Uma das razões dessa ocorrência é porque, nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, os PCNs (1998), tal noção atravessa a construção teórico-metodológica do objeto de ensino a ser tomado nas escolas do ensino fundamental, na disciplina de língua portuguesa. Além disso, há discussões em torno das (in)coerências conceituais e teórico-metodológicas entre a concepção de gênero do discurso e a de gênero textual (RODRIGUES, 2005; ROJO, 2005).

Em outras palavras: discutir os estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu *Círculo*<sup>1</sup>, por um lado, é relevante em função do atravessamento em várias áreas de conhecimento, o que torna necessário tanto sua revisão quanto sua releitura teórico-metodológica. Por outro lado, a dinamicidade sócio-histórica é perpassada por transformações incessantes, as quais influenciam o homem e o contexto social em que está circunscrito. Portanto, (re)visitar a teoria bakhtiniana é também olhá-la de um modo particular, porque o leitor é humano e é influenciado pelas alterações ocorridas no meio social em que vive. Esse leitor-humano é designado normalmente de sujeito, conforme as ciências humanas e sociais de um modo geral.

Propõe-se, neste artigo, revisitar uma parte dos complexos estudos construídos pelo *Círculo de Bakhtin*, a fim de olhar uma questão específica: a subjetividade. Desse modo, a questão norteadora deste trabalho é: como se configura a subjetividade quando se discute a teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso? Por trás desta pergunta, há a seguinte hipótese: na teoria dos gêneros do discurso, explicita-se a constituição do enunciado e implícita-se uma noção de subjetividade.

A configuração da subjetividade, na teoria do *Círculo de Bakhtin* acerca dos gêneros do discurso, tornou uma problemática visto que há uma diversidade de trabalhos sobre a subjetividade no âmbito das ciências humanas e sociais. Vezes a subjetividade é vista como uma questão de identidade (HALL, 2003; MORIN, 1996; RAJAGOPALAN, 2002, 2003;

---

<sup>1</sup> Os estudos sobre os gêneros do discurso foram desenvolvidos pelo *Círculo de Bakhtin*. Utilizamos a denominação *Círculo de Bakhtin* porque a perspectiva dialógica da linguagem não foi pensada apenas por Bakhtin, mas também por outros estudiosos, como Volochinov e Medvedev. Neste trabalho, sempre que for feito uma referência a Bakhtin, em se tratando da teoria dos gêneros do discurso, pressupõe-se: o *Círculo de Bakhtin*.

SIGNORINI, 1998). Outras vezes ela é observada como uma regularidade perceptível do sujeito<sup>2</sup>. Pode-se dizer que as idéias a respeito da subjetividade são múltiplas, e parte delas, é resultado de uma transformação conceitual das releituras feitas ao longo dos anos.

Este trabalho consiste numa discussão teórica. Primeiramente, serão trazidos à baila três pontos de vista a respeito da subjetividade; secundariamente, procuraremos configurar a subjetividade na teoria dos gêneros discursivos.

## **2. Discussões**

### **2. 1. Três pontos de vista acerca da subjetividade**

Antes da tentativa de configuração da subjetividade, na teoria bakhtiniana sobre os gêneros do discurso, trouxe-se à baila três pontos de vista acerca da subjetividade: Stuart Hall (1993)<sup>3</sup>, Edgar Morin (1996)<sup>4</sup> e Inês Signorini (1998)<sup>5</sup>.

#### **2. 1. 1. Stuart Hall**

O deslocamento da noção de subjetividade resultou de um “complexo de processo de forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo ‘globalização’” (HALL, 2003, p. 67). Este processo globalizante acelerou a partir dos anos 70, porém isto não implica que as transformações quanto às concepções de identidade do sujeito ocorreram, bruscamente. Hall (2003) sintetizou-as em: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O conceito de identidade do sujeito do Iluminismo:

estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou “idêntico” a ele — ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2003, p. 10-11).

A complexidade do mundo moderno e a constatação de que a essência do sujeito mantinha uma relação externa — negando a sua autonomia e auto-suficiência —, refletiram na idéia de um sujeito sociológico. A cultura fazia a mediação entre “os valores, sentidos (...) símbolos dos mundos” (HALL, 2003, p. 11) e o centro do eu, por meio de uma “interação”. Esta concepção foi defendida pelos interacionistas simbólicos G. H Mead, C. H. Cooley e outros.

De uma concepção de identidade baseada na essência e uma outra, “na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2003, p. 11), a perspectiva do processo de identificação do sujeito deslocou as idéias de unidade e estabilidade a uma fragmentação constante, tornando-se “mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2003, p. 12). Tal processo de identificação, que não permite a fixidez de uma essência humana, caracteriza o sujeito pós-

---

<sup>2</sup> Esta visão consiste no deslocamento da idéia de sujeito dotado de uma essência à noção de sujeito transitório e fragmentado (HALL, 2003; MORIN, 1996; RAJAGOPALAN, 2002, 2003; SIGNORINI, 1998).

<sup>3</sup> Este trabalho foi publicado pela primeira vez no ano de 1992; e, neste artigo, está sendo utilizada a edição traduzida do ano de 2003. Stuart Hall é um pesquisador da área dos Estudos Culturais.

<sup>4</sup> O ano da primeira edição foi em 1994 e, neste trabalho, está-se utilizando a tradução de 1996. Edgar Morin desenvolveu vários trabalhos nas áreas da Educação e da Filosofia.

<sup>5</sup> Este trabalho é de uma lingüista aplicada e foi publicado em 1996 e reeditado em 1998.

moderno. Ou seja, a identidade do sujeito pós-moderno se forma e se transforma de maneira descontínua, estando sempre móvel. É por intermédio desta mobilidade constante que:

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (...). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertantes e cambiantes de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2003, p. 13).

A crescente multiplicação dos sistemas de significação e de representação cultural implica o aumento das possibilidades de assumir, negar e reivindicar identidades diferentes a cada circunstância deparada.

### **2. 1. 2. Edgar Morin**

Edgar Morin (1996), assim como Hall (2003), aponta a noção de sujeito por meio de uma breve construção histórica. Ele inicia sua trajetória histórica acerca da idéia de sujeito, retomando o conceito de Descartes:

Na ciência clássica, a subjetividade aparece como contingência, fonte de erros (o “noise” da linguagem da informática, o ruído que é absolutamente necessário eliminar). Por isso, a ciência clássica excluiu sempre o observador de sua observação, e o pensador, o que constrói conceitos, de sua concepção, como se fosse praticamente inexistente ou se encontrasse na sede da verdade suprema e absoluta (MORIN, 1996, p. 46).

É interessante destacar que Morin (1996) enfatiza a complexidade em torno da concepção de sujeito e salienta que houve momentos nos quais se confundiu a subjetividade com a alma, por exemplo, na época em que se predominou a visão da metafísica. No entanto, o olhar científico, especialmente após os estudos de Descartes, procurou construir a subjetividade por meio da dissolução. Pode-se dizer, com isso, que se buscava apagar a subjetividade no âmbito científico, segundo Morin (1996, p. 45).

No seio de nossa cultura ocidental, desde o século XVII, vivemos uma estranha disjunção esquizofrênica: na vida cotidiana, sentimo-nos sujeitos e vemos aos outros como sujeitos. Dizemos, por exemplo: “é um bom homem, é uma excelente pessoa”, ou “é um sem-vergonha, um canalha”, porque, efetivamente, em sua subjetividade se encontram esses traços. Mas se examinarmos essas pessoas e nós mesmos pelo ponto de vista do determinismo, o sujeito novamente se dissolve, desaparece.

Ainda com Morin (1996, p. 45-46):

Vivemos essa disjunção em função de um paradigma profundamente enraizado em nossa cultura. Paradigma que formulou muito bem Descartes, que, por outro, não o inventou, mas só o expressou à sua maneira. Descartes viu que havia dois mundos: um que era relevante ao conhecimento objetivo, científico — o mundo dos objetos; e outro, um mundo que compete a outra forma de conhecimento, um mundo intuitivo, reflexivo — o mundo dos sujeitos. Por um lado, a alma, o espírito, a sensibilidade, a filosofia, a literatura; por outro, as ciências, as técnicas, a matemática. Vivemos dentro desta oposição. Isso quer dizer que não podemos encontrar a menor sustentação para a noção de sujeito na ciência clássica. Em troca, enquanto

abandonamos o campo científico e refletimos como fez Descartes em seu famoso *cogito*, o sujeito se torna fundamento, fundamento da verdade, de toda verdade possível. E reencontramos o ego transcendental, transcendentalizado na filosofia de Kant.

A bipolaridade do mundo desencadeou naquilo que é conhecido como modo cartesiano de olhar, perceber e avaliar a realidade na qual estamos circunscritos. Na visão de Bakhtin (1992), trata-se de duas visões opostas: a do objetivismo abstrato e a do subjetivismo idealista. Com base em Morin (1996), há uma tentativa de apagamento da subjetividade, no discurso científico, que acarretou uma expulsão: ora procura-se resgatar a subjetividade do cientista, ora procura-se apagá-la no bojo das humanas e sociais.

### 2. 1. 3. Inês Signorini

Signorini (1998), assim como Hall (2003), estabelece uma interligação entre o conceito de subjetividade e o conceito de identidade. Todavia, com base na argumentação da autora, a concepção de subjetividade pode variar, porque tal concepção se diferencia, conforme a perspectiva adotada, em um determinado estudo. Para delimitar os estudos sobre a subjetividade, Signorini (1998) compara os dois paradigmas, o da modernidade<sup>6</sup> e o da pós-modernidade, a fim de apontar a noção de identidade, que, por sua vez, está interligada com a noção de subjetividade:

Paradigmas <sup>7</sup> da modernidade	Paradigmas da pós-modernidade
1. tradição racionalista inspirada na tradição hegeliana (antítese, síntese, progresso, continuidade): estudo da filosofia e da história por meio da dialética;	1. negação da tradição hegeliana e, conseqüentemente, da tradição racionalista;
2. afirmação da idéia de desenvolvimento teleológico num tempo reversível a partir de uma arqueologia fundadora (origem conhecida);	2. negação da idéia de desenvolvimento teleológico e irreversibilidade do tempo ;
3. recuperabilidade do sujeito: unidade recuperável pela análise;	3. irrecuperabilidade do sujeito: inexistência de repetibilidade temporal;
4. problemática da pluralidade (estabilidade, continuidade, fechamento);	4. problemática da complexidade (instabilidade, descontinuidade e abertura);
6. busca pela origem fundadora; e	6. negação da idéia de origem; e
7. relação com o estruturalismo.	7. relação com o pós-estruturalismo.

Tabela 1: *Comparação entre os paradigmas da modernidade e os da pós-modernidade*

<sup>6</sup> O adjetivo “moderno” está relacionado a duas concepções de modernismo, segundo Peters (2000). A primeira denota um movimento estético e/ou artístico, iniciado no final do século XIX. Enquanto a segunda está relacionada à idéia de período, de momento histórico e filosófico, “... significando ‘modernidade’ — a época que se segue à época medieval... o ‘moderno’ envolve uma ruptura autoconsciente com o velho, o clássico e o tradicional, e uma ênfase concomitante no novo e no presente” (PETERS, 2000, p. 12). A modernidade é iniciada com o modo de pensar de René Descartes, na França, e de Francis Bacon, na Inglaterra (PETERS, 2000) e está relacionada a uma “enumeração mais filosófica: ser e pensamento, ideologia e realidade, representação e presença, meios e fins, possibilidade e impossibilidade, etc.” (LEFEBVRE, 1971, p. 209. Tradução nossa).

<sup>7</sup> *Paradigmas* é um termo utilizado no plural, porque, para Signorini (1998), há vários olhares paradigmáticos que podem ser agrupados em função do atravessamento: ou moderno ou pós-moderno.

Conforme os paradigmas da modernidade, o sujeito apresenta-se, segundo Signorini (1998), como: *a*) uno e homogêneo (dotado de uma estabilidade e de uma unicidade) ou *b*) plural e heterogêneo (dotado de uma contradição, oscilante entre a singularidade e a pluralidade); o que resulta na problemática da identidade. Enquanto sob a perspectiva dos paradigmas da pós-modernidade, o sujeito é simultaneamente instável, descontínuo e aberto. A complexidade subjetiva manifesta-se na e pela linguagem; “trata-se de um sujeito que se constitui entre linguagens, ou seja, no/pelo trançado de múltiplas e heterogêneas formas de linguagem” (SIGNORINI, 1998, p. 336). O sujeito age como um “ator intermitente”, implicando na problemática dos processos de subjetivação.

## 2. 2. Como se configura a subjetividade na teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso?

Segundo Rodrigues (2005), é importante fazer duas observações em se tratando dos gêneros do discurso, sob a visão dialógica da linguagem. A primeira delas refere-se à "flutuação terminológica" (RODRIGUES, 2005, p. 154), tais como: *gêneros lingüísticos* e *categorias de atos de fala* (que aparecem em *Marxismo e filosofia da linguagem*, tradução brasileira); *speech genres* e *speech performance* (que aparecem na mesma obra citada anteriormente, porém na tradução do russo ao inglês). Como causa dessa flutuação terminológica justifica-se que:

Uma dessas causas, alheia aos autores, é resultado do processo de tradução podendo ser observada essa flutuação dentro de um mesmo texto ou na sua comparação com outras traduções. (...) Outra causa pode ser buscada nas próprias palavras de Bakhtin, a "predileção" pela variação terminológica, mas que, segundo o autor, não resulta na falta de unidade conceitual (RODRIGUES, 2005, p. 154).

No texto "Os gêneros do discurso", Bakhtin (2003, p. 261-306) mantém uma regularidade terminológica. Para Rodrigues (2005, p. 154), o pensador russo faz uma "opção" pela "expressão gêneros do discurso, mas cuja concepção conceitual é problematizada e ressignificada na perspectiva dialógica da linguagem".

A segunda observação feita pela lingüista aplicada em questão diz respeito à apreensão da:

... noção de gêneros do discurso no conjunto de suas idéias lingüísticas, ou seja, compreender os gêneros a partir de fundamentos nucleares, como a concepção sócio-histórica e ideológica da linguagem, o caráter sócio-histórico, ideológico e semiótico da consciência e a realidade dialógica da linguagem e da consciência; e, portanto, não dissociá-la de suas noções de interação verbal, comunicação discursiva, língua, discurso, texto, enunciado e atividade humana, visto que é somente nessas relações que se pode apreender, sem reduzir, a concepção de gêneros (RODRIGUES, 2005, p. 154).

Por trás desta segunda observação, podemos dizer que há uma preocupação em não tornar o arcabouço teórico-metodológico bakhtiniano acerca dos gêneros do discurso um conhecimento declarativo, facilmente conceituável e banalizável. A banalidade à qual nos referimos diz respeito às incoerências teóricas presentes na teoria dos gêneros textuais (RODRIGUES, 2005; ROJO, 2005<sup>8</sup>).

---

<sup>8</sup> Estas duas estudiosas apontam incoerências em Marcuschi (2002) quando este discute os gêneros textuais e gêneros discursivos. Uma das preocupações delas é distinguir a concepção de gênero do discurso da de gênero textual.

Das relações sociais, percebem-se as maneiras de comunicar-se verbalmente e destas, observam-se os modos de enunciar-se verbalmente, ou seja, das interações sociais aos enunciados aos gêneros do discurso. Rodrigues (2005, p. 164) aponta claramente a interdependência entre as esferas sociais e os enunciados, que compõem os gêneros do discurso:

... correlacionam os gêneros às esferas da atividade e comunicação humanas, mais especificamente às situações de interação dentro de determinada esfera social (esfera cotidiana, científica, escolar, religiosa, jornalística, etc.). É somente nessas esferas que se pode apreender a constituição e o funcionamento dos gêneros. O que constitui um gênero é sua ligação com uma situação social de interação e não suas propriedades formais ou seu nome.

Para apreender e entender um gênero do discurso, o estudo deve partir dos agrupamentos da atuação e da comunicação humanas — que estão em permanente interação. Dentro deles, há formas mais ou menos estáveis de enunciar-se, as quais, por sua vez, configuram-se em gêneros do discurso. Estes são característicos de uma esfera social porque possuem uma certa estabilidade e normatividade quanto aos seus enunciados constituintes.

Dada à relativa estabilidade e normatividade dos enunciados que compõem os gêneros do discurso, é possível apreendê-los visto que:

Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar é aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas) (BAKHITN, 2003, p. 283).

Para comunicar-nos, não escolhemos palavras, agrupamo-las em orações, formando um texto. Em vez do movimento da seleção das unidades da língua para desencadear uma seleção das unidades do discurso, nós, como sujeitos falantes, situados numa esfera social, selecionamos o gênero do discurso adequado à esfera social em questão, que, por sua vez, é dotado de enunciados característicos ou típicos. Trata-se, assim, de um movimento de seleção das unidades do discurso, o qual acarreta as formas da língua típicas, porque o "gênero escolhido nos sugere os tipos e os seus vínculos composicionais" (BAKHITN, 2003, p. 286).

Além de guiar-nos na escolha das formas lingüísticas que compoem o gênero do discurso em jogo numa determinada esfera social, este mesmo gênero agencia, "em um grau maior ou menor", uma subjetividade.

Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado — oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva (*rietchevóie obschénie*) — é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual (BAKHITN, 2003, p. 265).

Ao tratar da estilística, Bakhtin (2003) problematiza e ressignifica a presença do sujeito<sup>9</sup>. Por meio de um gênero do discurso, emergem-se as marcas do sujeito, isto é, ele é

---

<sup>9</sup> O que nós denominamos de sujeito, Bakhtin (2003) (pelo menos na tradução aqui utilizada) designa de falante; e o que nomeamos de subjetividade, na escritura bakhtiniana, aparece como individualidade.

perceptível por intermédio da “linguagem do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 265). A presença subjetiva é mais evidente ou não, conforme o gênero do discurso em questão. Para Bakhtin (2003, p. 265), os gêneros da esfera da literatura ficcional favorecem o “reflexo da individualidade”: a presença ou marca da subjetividade. Na verdade, o gênero do discurso permite-nos perceber parte daquilo que constitui o sujeito falante, enquanto indivíduo, por meio da linguagem.

No entanto, a captura de sua totalidade não é possível. Em meio à interação social, dentro da “esfera da atividade e comunicação humanas” (RODRIGUES, 2005, p. 164), observa-se tanto o sujeito falante como indivíduo, pessoa humana, bem como sua individualidade (em termos bakhtinianos) ou subjetividade (em nossa perspectiva). Tudo isto pode aparecer no enunciado. Trata-se de um agenciamento de subjetividades. O gênero do discurso organiza o dizer do sujeito a ponto de organizar também as formas lingüísticas que compõem o enunciado. Em outras palavras: pode-se dizer que há uma organização da individualidade do falante, por causa do gênero discursivo, a qual é transposta numa organização e na construção composicional dele.

Inserido numa esfera social, o sujeito falante escolhe um gênero discursivo a ser utilizado. Depois de determinado o gênero, por consequência, o estilo do indivíduo será por ele moldado, acarretando uma maior ou menor manifestação da individualidade. Suponhamos que o sujeito falante está circunscrito numa esfera literária e escolhe o gênero poesia lírica. Feito isto, seu estilo individual é guiado pelo gênero poesia, no caso, no enunciado construído evidenciará uma forte presença de sua individualidade. Pode-se afirmar que, até aqui, a subjetividade, com base na teoria bakhtiniana de gêneros do discurso, configura-se a partir de uma subjetividade ética, em função de uma escolha feita. A subjetividade configura-se com base num gênero discursivo a partir do momento em que são transpostas as interações humanas e sociais vivenciadas pelo sujeito, enquanto pessoa, para a linguagem. Pela e na linguagem emergem marcas do sujeito, portanto, a subjetividade, a qual, ao mesmo tempo, é produto e processo das interações humanas e sociais vivenciadas pelo sujeito falante, no âmbito de uma esfera social.

Dessa forma, o sujeito falante dominará melhor uma língua, se ele dominar os gêneros do discurso os quais a compõem.

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2003, p. 285).

O domínio do emprego dos gêneros do discurso é possível ao sujeito falante se ele possuir a habilidade de “dosar” a transposição de sua subjetividade, à medida que efetua uma determinada escolha (subjetividade ética), durante o processo de construção do enunciado. Além disso, o desembaraço em utilizar os gêneros do discurso permite dialogar os enunciados dos outros com os nossos, visando sempre um destinatário. Por trás desse diálogo, estamos pressupondo que não há enunciados isolados; e, pelo fato deles constituírem os gêneros do discurso, eles também não se mantêm solitários. Os enunciados estão imbricados entre si e para que o sujeito demonstre habilidade no uso dos gêneros do discurso, é preciso ser constituído por uma “história pessoal” e ter em vista um destinatário. A experiência discursiva do sujeito configura-se e desenvolve-se da seguinte maneira, na visão de Bakhtin (2003, p. 294-295):

... a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de

*assimilação* — mais ou menos criador — das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) são plenos de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos.

Neste trecho, Bakhtin (2003) nos permite perceber três formas de manifestação da subjetividade — sempre de maneira imbricada e indissolúvel: 1) a subjetividade dialógico-interativa, 2) a subjetividade da alteridade e 3) a subjetividade valorativa. A subjetividade interativo-dialógica constitui o “pano de fundo” de todas as outras possibilidades de emersão da subjetividade na linguagem, quando a teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos está em discussão. Rodrigues (2005) argumenta que os trabalhos do *Círculo de Bakhtin* foram desenvolvidos sob uma perspectiva dialógica da linguagem. Desta forma, não é uma novidade constatar que o viés dialógico perpassa também a configuração das subjetividades em se tratando da constituição dos gêneros do discurso.

Assim, a configuração das subjetividades dialógico-interativa se dá porque os nossos enunciados são atravessados pelos enunciados dos outros (subjetividade da alteridade, que é a marca subjetiva do outro em nossos enunciados), juntamente, é claro, com suas nuances valorativas: a subjetividade valorativa, a qual possibilita a inserção tanto do nosso ponto de vista quanto do olhar do outro. A questão valorativa é densamente discutida por Bakhtin (1992) em *Marxismo e filosofia da linguagem* e é problematizada por ele na teoria acerca dos gêneros discursivos quando disserta acerca da expressividade (um dos constituintes dos gêneros do discurso). Para ele, a expressividade constitui:

... a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. O estilo individual do enunciado é determinado principalmente pelo seu aspecto expressivo (BAKHTIN, 2003, p. 289).

Ao elaborarmos nosso enunciado, tomamos as nuances valorativas dos enunciados dos outros e transformamo-las em função dos nossos índices de valor. Em outras palavras, capturamos a expressividade de enunciados alheios (subjetividade dialógico-interativa e subjetividade da alteridade) e, ao construirmos os nossos, introduzimos, de modo alterado, a expressividade típica de nossos enunciados, colocando sempre adiante uma reservada posição ao destinatário: a subjetividade do destinatário.

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimento especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias — tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2003, p. 302).

Partindo do fundamento de que o enunciado é “um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 289), é evidente que o enunciado construído deva visar, aliás, pressupor a continuidade dessa cadeia, porque ele se tornará um enunciado alheio quando o sujeito destinatário for construir seu enunciado. Isto é, no momento em que o sujeito destinatário elaborar um enunciado, o meu poderá atravessá-lo de forma ativa responsiva.

As fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade da comunicação verbal, são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes, ou seja, pela alternância dos sujeitos locutores. Todo enunciado — desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico — comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros (subjatividade da alteridade), depois de seu fim, há os enunciados-resposta dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão). O sujeito falante termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar um lugar à compreensão responsiva ativa do outro: subjatividade do destinatário.

Dizer que o enunciado possui linhas fronteiriças, as quais demarcam uma anterioridade e uma posterioridade, é retomar o fundamento de que o enunciado é parte da comunicação discursiva. Tal parte é encaixável com os enunciados precedentes e com aqueles a serem desencadeados ora como enunciados ora como atitudes ativas. Resumindo: por um lado, apesar das demarcações que permitem a emersão subjativa na comunicação discursiva, tudo está conectado em forma de cadeia; e, por outro, se cada enunciado constitui um elo dessa cadeia, pode-se dizer que, junto com ele, ou melhor, por trás dele, há um agenciamento de subjatividades do falante. Tal idéia de agenciamento fica claro quando Bakhtin (2003, p. 294) descreve como o sujeito falante vê a palavra tridimensionalmente:

... qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão.

Ao mesmo que se constrói um enunciado, subjatividades são agenciadas: subjatividade da alteridade, subjatividade ética, subjatividade dialógico-interativa, subjatividade valorativa e subjatividade do destinatário. Além disso, Bakhtin (2003) enfatiza que mesmo que, em algum momento, durante o processo de construção do enunciado, o sujeito se posicione como produtor de um enunciado, o produto discursivo não lhe pertence. Ele apenas assume tal posição para que as subjatividades sejam agenciadas num gênero discurso em jogo, numa esfera social específica. Isto é: o falante, ao produzir um enunciado, conforme as especificações de um gênero discursivo escolhido, propicia a emersão na e pela linguagem do encontro das subjatividades. Vale ressaltar que o sujeito falante não acarreta um início e um fim de um enunciado (não se trata de um “Adão mítico”), e sim, permite um constante configurar e desconfigurar de subjatividades, o que em termos bakhtinianos, consiste nas peculiaridades dos gêneros do discurso: a alternância de sujeitos do discurso e a conclusibilidade.

### 3. Considerações finais

Retomando a hipótese deste artigo — na teoria dos gêneros do discurso, explicita-se a constituição do enunciado e implica-se uma noção de subjatividade — e a problemática — como se configura a subjatividade quando se discute a teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso? —, podemos dizer que, em primeiro lugar: Bakhtin (2003) preocupa-se em discutir a constituição e o funcionamento dos enunciados temáticos, estilísticos e composicionais. No entanto, ele constrói sua discussão, atrelando continuamente o falante com os gêneros do discurso. Didaticamente e com base em Bakhtin (2003), os gêneros discursivos são constituídos de enunciados, cuja estrutura é um entrelaçamento de três elementos — conteúdo temático, estilo e construção composicional —, porém há três peculiaridades que diferenciam

o enunciado das unidades da língua (a palavra e a oração). São elas: 1) a alternância dos sujeitos; 2) a conclusividade do discurso; e 3) a expressividade.

Em segundo lugar, entrelaçados entre si tanto os três elementos constituintes dos gêneros discursivos quanto as peculiaridades diferenciadoras do enunciado das unidades lingüísticas, as marcas subjetivas perpassam todos eles. O que antes apontamos como uma possibilidade de haver a configuração da subjetividade na teoria bakhtiniana acerca dos gêneros do discurso, após as discussões feitas aqui, percebemos que onde há a construção de enunciados, há também a configuração de subjetividades no plural. Não se trata de uma única forma do sujeito, com base em Bakhtin (2003), de marcar-se, presentificar-se na e pela linguagem; e sim, existem várias possibilidades de fazer-se isso. Neste trabalho, foi possível apontar parte dessas marcas subjetivas: a subjetividade da alteridade, a subjetividade dialógico-interativa, a subjetividade valorativa, a subjetividade ética e a subjetividade do destinatário. Vale ressaltar que procuramos nomear os tipos de manifestação das subjetividades do falante na e pela linguagem com propósito didático, não consideramos os trabalhos do *Círculo de Bakhtin* como objetos de sentido facilmente definíveis. Pelo contrário, tais estudos são essencialmente complexos.

Também foram vistas brevemente, na seção 2. 1. *Três pontos de vista acerca da subjetividade*:

- a) a síntese conceitual, no ponto de vista de Hall (2003), de três identidades: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito interacionista e a do sujeito pós-moderno;
- b) Morin (1996): a subjetividade na ciência; e
- c) Signorini (1998): a subjetividade a partir da contraposição dos paradigmas da modernidade e dos da pós-modernidade.

Podemos dizer que, quando Bakhtin (2003) fala de indivíduo, não se trata de uma concepção essencialista de sujeito (sujeito do Iluminismo, como foi apresentado a partir da síntese de Hall (2003)). Consiste numa individualidade, que é orientada pela normatividade do gênero de discurso escolhido pelo sujeito e em jogo no bojo de uma esfera social. Além disso, a idéia de interação presente na concepção de sujeito interacionista (HALL, 2003) não é uma simples relação entre a exterioridade e a interioridade do sujeito. Trata-se de uma noção complexa, a qual está vinculada às múltiplas atividades e comunicações humanas em meio às interações sociais. Por fim, a noção de subjetividade em Bakhtin (2003) aproxima-se da concepção de sujeito pós-moderno, em função do vínculo com as interações humanas e sociais, no âmbito de uma esfera social. A dinamicidade e a transformação social também se refletem no sujeito e na linguagem. A noção bakhtiniana de subjetividades pode ser inserida nos paradigmas da pós-modernidade (SIGNORINI, 1998), porque, primeiramente, a concepção possui tons pós-modernos, por exemplo: multiplicidade. Secundariamente, Bakhtin (2003, p. 300) nega a idéia de origem absoluta: o “Adão mítico”. Para ele, a história está em constante construção e transformação. A expressividade do enunciado é irrepetível, uma vez que o pensador russo não defende a idéia de recuperabilidade discursiva, e sim, a de interação dialógica.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail [VOLOCHINOV, V. N.]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra do título em russo *Estetika sloviésnova tvórtchestva*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LEFEBVRE, Henri. *Introducción a la modernidad*. Tradução de Damaso Alvarez-Montegudo Rizo do título em francês *Introduction a la modernite*. Madrid: Tcnos, 1971.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45-55.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Uma introdução. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A construção de identidades e a política de representação. In: FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Orgs.) *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002. p. 77-87.

\_\_\_\_\_. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do Círculo de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

SIGNORINI, Inês. Figuras e modelos contemporâneos da subjetividade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 333-380.